

INDÚSTRIA CULTURAL E CINEMA: PROJEÇÕES DA COMUNICABILIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO

CULTURAL INDUSTRY AND CINEMA: PROJECTIONS OF GENDER COMMUNICABILITY IN EDUCATION

LA INDUSTRIA CULTURAL Y EL CINE: PROYECCIONES DE LA COMUNICABILIDAD DE GÉNERO EN LA EDUCACIÓN

Daniel Felipe Jacobi^I

Elaine Conte^{II}

Adilson Cristiano Habowski^{III}

^I Universidade La Salle, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: danielfjacobi@hotmail.com

^{II} Universidade La Salle, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

^{III} Universidade La Salle, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com



Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resumo

O trabalho discute sobre as ideologias transmitidas culturalmente pelos artefatos tecnológicos, que imprimem nossos desejos e sensações, fragmentando e causando a perda de sentido e o enrijecimento intelectual em tempos de mudança. Trata-se de analisar as questões de gênero

evidenciadas na escola, problematizando os processos formativos por meio do cinema, para fazer emergir uma experiência crítica, criativa, do aprender dialógico e de abertura às diferenças, uma vez que o cinema pode servir para reeducar as bases homogeneizadoras da cultura. Ao problematizar o cinema geramos novos entendimentos hermenêuticos para romper com os (co)modismos na escola e fazer desse recurso um pretexto à interlocução educacional, questionando as narrativas de gênero desiguais, petrificadas e dominadoras, perpetuadas culturalmente. Como resultados, indicamos que as raízes dos problemas partilhados comunicativamente precisam do olhar crítico-reflexivo frente às produções humanas, para resistir ao imobilismo, à disseminação ingênua de estereótipos e às exclusões no meio social.

Palavras-chave: Indústria cultural. Cinema. Desigualdade de gênero. Educação.

Abstract

This study discusses ideologies culturally transmitted by technological artifacts that imprint our desires and sensations, fragmenting and causing the loss of meaning and intellectual stiffening in times of change. It is a question of analyzing gender issues evidenced in school, problematizing the formative processes through cinema, so that a critical, creative experience of dialogical learning and openness to differences can emerge, since the cinema can reeducate the homogenizing bases of the culture. By problematizing the cinema, we generate new hermeneutic understandings to break with trends and convenience in school and make this resource a pretext for educational interlocution, questioning the unequal, petrified and dominating gender narratives, perpetuated culturally. As a result, we indicated that the root cause of communicatively shared problems need a critical-reflexive look at human production, to resist immobility, the naive dissemination of stereotypes and exclusions in social environment.

Keywords: *Cultural industry. Cinema. Gender inequality. Education.*

Resumen

El trabajo analiza las ideologías transmitidas culturalmente por los artefactos tecnológicos, imprimiendo nuestros deseos y sentimientos, fragmentando y causando la pérdida del sentido y la rigidez intelectual en tiempos de cambio. Se trata de analizar las cuestiones de género

evidenciadas en la escuela, problematizando los procesos de formación a través del cine, para llevar a cabo una experiencia del aprendizaje dialógico crítica, creativa y de apertura a las diferencias, ya que la película se la puede utilizar para reeducar las bases que homogenizan la cultura. Para hablar sobre el cine, generamos una nueva comprensión hermenéutica de romper con las modas en la escuela y hacer de esta característica un pretexto para el diálogo educacional, cuestionando las narrativas de género desiguales, petrificadas y dominadoras, culturalmente perpetuado. Los resultados indicaron que las raíces de los problemas compartidos de forma comunicativa necesitan mirada crítica y reflexiva con interés a las producciones humanas para resistir a la inercia, a la propagación de los estereotipos ingenuos, y a las exclusiones en el entorno social.

Palabras clave: *Industria cultural. Cine. Desigualdad de Género. Educación.*

1 Introdução

A sociedade semiformada reflete a passividade e a reprodução das formas de vida, assumindo mecanismos acrílicos, massificadores e de distração promovidos pela indústria cultural como agente pedagógico. O objetivo deste trabalho é dialogar com a temática do cinema na educação, a fim de contribuir para a qualificação e sensibilização do debate com a ambiguidade das tecnologias e das questões de gênero e sexualidade na escola, uma vez que a visualização dos filmes nos leva a pensar, sendo hoje de domínio público¹. De acordo com Marcuse (1999, p. 74), “a técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo”.

As obras cinematográficas na escola são paradoxais, pois tanto evidenciam padrões que podem ser ressignificados pelos professores e estudantes no debate comunicativo-dialético², quanto coincidem com uma cultura massificada das manifestações de gênero em todas as esferas da sociedade (tomadas de forma mecânica e silenciosa, apoiadas na identificação cultural das subjetividades à mercadoria). O problema é que, muitas vezes, os

¹Na contemporaneidade, há uma grande facilidade de se encontrarem filmes gratuitamente para baixar em nossos computadores, exemplo disso é o *Torrent* e o uso da plataforma *Netflix*.

²“A teoria dialética do conhecimento nos aponta que o conhecimento se dá basicamente em três grandes momentos: a Síncrise, a Análise e a Síntese. Ora, sendo essa dinâmica de conhecimento universal, vale também para a situação pedagógica” (VASCONCELLOS, 1992, p. 2).

artefatos tecnológicos são marginalizados nas práticas educacionais, descontextualizados e desvinculados de uma racionalidade aprendente que faz experiências intelectuais de reflexão e (re)criação. Assim, acabam inseridos na escola de modo superficial, como máquina de educar, de simples adequação (com fins em si) e reprodução de preconceitos, o que desqualifica as experiências pedagógicas proporcionadas, recaindo na simples posição de expectadores (priorizam-se os prazeres em detrimento das exigências de análise crítica e contradição), sem a ativação do pensar (pseudoautonomia que molda subjetividades) e do despertar para o diálogo com as ambiguidades das tecnologias.

Os discursos presentes na produção cinematográfica são, em inúmeras ocasiões, contraditórios, dispersivos (práticas despolidizadas e diversionistas de políticas de *pão e circo*) e de modelos preexistentes que não contemplam as diferenças. Nessa ótica, o ambiente educacional é o espaço perfeito às interações, à conversação com o diferente e às trocas de conhecimento, para experimentar e agir, visando aprofundar debates a respeito das ideologias que se encontram subjacentes em cada obra, para que não se tornem conservadoras de gestos ofensivos, de aceleração mecânica das rotinas e de preconceitos de gênero. Por isso, é preciso fazer uso desses artefatos tecnológicos, não como legitimação de discursos ideológicos, mas sob um olhar crítico-reflexivo para romper com a construção de um pensamento excludente e uniformizador, buscando a ampliação dos saberes de gênero e sexualidade em uma perspectiva biológica, histórica, cultural e política, por meio de um clima de liberdade de expressão e de comunicação.

Na sociedade contemporânea, a desigualdade de gênero encontra-se fortemente vinculada com o patriarcalismo, que historicamente e culturalmente foi construído, apresentando a figura feminina como um ser submisso e inferior ao masculino, entendimento esse que precisa ser constantemente revisado. De certa forma, encontramos na arte da cinematografia um potencial formador de opiniões, assim como a educação, que pode tanto legitimar a ignorância pelo desconforto e homogeneização das questões de gênero (diferenciação social), tornando-se mantenedora do *status quo*, ou pode ser reconhecida como uma forma de preparar-se para o contato com o outro (na tentativa de colocar-se no lugar do outro) e com as diferenças, visando problematizar e aprender o mundo, compartilhando experiências e reconstruções para dissolução de problemas vitais. Subjacente às produções cinematográficas, conforme os teóricos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985), sobrevive a indústria cultural, que em sua lógica de mercado (do consumo, do descarte e da

produção de uma nova necessidade pelo desejo de compra) promove uma postura acrítica de seus telespectadores frente ao mundo. Para Adorno (2003), a educação enquanto conceito implica emancipação e não se reduz à perspectiva de adequação ao mundo existente (de obscurecimento da consciência). Na verdade, revela que a ambiguidade da educação reside simultaneamente na adequação ao instituído e na conscientização emancipadora. O pensamento dialético da contradição é, portanto, o remédio para superar a semiformação socializada.

Ante a esses preceitos, o presente estudo também propõe olhar criticamente as concepções de feminilidade e masculinidade transmitidas pelo cinema, que tendem a homogeneizar o pensamento humano enquanto um processo sustentado na experiência de sujeição existente. Se não podemos eliminar as produções ideológicas desta cultura mercadológica, então, precisamos desenvolver um olhar crítico e decodificador das ideologias subjacentes às produções cinematográficas, que legitimam e promovem desigualdades de gênero como uma forma de reeducação. Tudo indica que as pessoas reproduzem desigualdades de gênero à medida que produzem sua própria sobrevivência, pela ação de um poder arbitrário de imposição cultural. Salientamos a necessidade de uma educação para a diversidade que forme sujeitos críticos frente aos produtos culturais, visando resistir a toda e qualquer forma de ofensa, humilhação e desigualdade. Inicialmente, o artigo caracteriza o cinema como meio de transmissão ideológica da indústria cultural, conforme defendem Adorno e Horkheimer. Em seguida, revela a legitimação da desigualdade de gênero por parte do cinema e, para concluir, traz a necessidade da problematização das obras cinematográficas no contexto escolar, revelando a possibilidade de uma real construção da igualdade de gênero, que leva à libertação da degradação humana.

2 Indústria cultural versus cinema

Os meios de comunicação de massa nasceram e cresceram enraizados no processo de industrialização, que vem ocorrendo desde o século XIX. Em meados do século XX, o capitalismo criou premissas para uma sociedade consumista fortemente alicerçada pela mídia, em especial pelo cinema. Esta lógica de mercado, não só passou a ditar as tendências a serem

consumidas, mas também o modo de pensar e agir humano na vida em sociedade, provocando uma forma de normatização da pessoa por meio da “ditadura de certezas”³.

É por meio de uma postura crítica e de contracultura do mercado que surgem os saberes tornados problemáticos na educação, para apontar críticas a esse sistema ideologizante de interpretações isoladas e alienantes, cujos elementos provêm das mídias culturais. Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 101), “o cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem”. Para tanto, a indústria cultural orienta o consumo de seus produtos, mantém, moderniza e investe na transmissão de seus próprios interesses, subjacentes nas obras produzidas. O cinema, pela diversão e entretenimento, enfraquece as experiências compartilhadas de aprendizagens sociais, que recaem no vazio da adequação ao mundo e no ativismo prático. É perceptível o quanto o cinema provoca um envolvimento inconsciente dos indivíduos, em virtude da qualidade técnica, manifestando a capacidade de arquitetar realidades inexistentes ou dissociadas do pensar sobre a própria realidade. Almeja-se no cinema uma fascinação e distração que buscam a ruptura e a fuga da realidade, por uma abordagem superficial e sem tomada de consciência. Conforme Adorno e Horkheimer (1985, p. 119),

[é] a fuga do cotidiano, que a indústria cultural promete em todos os seus ramos. [...] A indústria cultural volta a oferecer como paraíso o mesmo cotidiano. [...] É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação.

A indústria cultural promete aos seus telespectadores uma realidade ilusória e bloqueia outras formas de conhecimento pela fetichização da produtividade central à própria dominação planetária mediada economicamente. Ela os ludibria, cega-os, a ponto de condicionar e tornar estanques e lineares seus pensamentos e vidas. O modo de vida apresentado pela indústria cultural não se assemelha ao cotidiano real de cada telespectador, mesmo sendo apresentado a eles a mesma realidade. Em segmentos programados, apresenta-se um ideal que é regulado pela negação das singularidades e personalidades, para que todos

³O cinema é a nomenclatura dada à sétima arte, que absorve e faz uso das demais, sendo até denominada de arte impura, talvez por seu interesse e agir instrumental, que silencia e interrompe a comunicação do ouvinte com o mundo e o isola no enredo da trama (BADIOU, 2005).

se aglomerem à grande massa e consigam chegar o mais próximo do tão almejado modo de vida que a indústria cultural perpetua. Aquele que destoa, ou não se mostra condizente com o padrão de vida estipulado, é renegado e torna-se excluído socialmente, já que vive à margem da cultura funcionalista das grandes massas. “Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria, é fácil convencê-lo de sua insuficiência” (ADORNO, 2009, p. 16). Portanto,

na indústria cultural, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universo está fora de questão. Da improvisação padronizada no jazz até os tipos originais do cinema, que têm de deixar a franja cair sobre os olhos para serem reconhecidos como tais, o que domina é a pseudoindividualidade. O individual reduz-se à capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado como o mesmo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128).

O grande sistema que está por trás da indústria cultural é o mercado da (des)informação, que ao ditar sistemas e estilos de vida, por meio da manipulação cultural, não necessita mais produzir seguindo os interesses da população, mas os condiciona às necessidades fabricadas. Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 209), “a propaganda manipula os homens; onde ela grita liberdade, ela se contradiz a si mesma. A falsidade é inseparável dela”. É notório que,

os filmes dessa indústria manifestam características como: 1) apresentam-se como mais reais do que a própria realidade, mas, contraditoriamente, lançam mão de uma realidade ficcional na qual o *happy end* é fundamental; 2) aparecem como um mecanismo fiel de reprodução do mundo sensível; 3) fazem de tudo para igualar o fenômeno que aparece na tela ao mundo real propriamente dito e, desta forma, contribuem para a manutenção do conformismo do espectador. (LOUREIRO, 2008, p. 141).

As obras cinematográficas encontram-se interconectadas a uma sociedade de consumo que atende aos interesses políticos, econômicos e de valores (guerras de tráfico, violências e ameaças autoritárias), que circunscrevem uma sociedade da ausência de reconhecimento do outro (do cansaço e da desorientação), repercutindo no campo educativo. Na verdade, a indústria cultural promove estrategicamente a manutenção e qualidade da cinematografia, retroalimentando a sua dominação. Nesse impasse, o prejuízo recai sobre o sujeito, que é

submetido aos feitiços da mercadoria (geradores de verdades inquestionadas de sujeição), que, sem passar pelo crivo da autocrítica, torna-se uma marionete às formas sociais determinadas do presente, dando sustentação a normas e sujeição coletivas, bem como ao patriarcalismo. Muitas das discrepâncias sociais, que hoje persistem e inacreditavelmente são sustentadas, partem da voz uniformizadora e conformista veiculada pela indústria cultural, que dita o como se vive, promovendo novos padrões e a reprodução social. O sujeito passa a assumir e aceitar as injustiças coexistentes à energia agressiva, uma vez que estas passam a ser reconhecidas como naturais.

Fora do trabalho, as massas consomem este tipo de cultura visando expurgar o espírito, recompondo-se, assim, para uma nova jornada de trabalho. Entretanto, a indústria cultural, [...] não estimula o pensamento crítico – antes o contrário; afasta a mente dos cidadãos explorados das questões capazes de fazê-los reagir contra a manutenção do *status quo*, tornando-os mais que meros expectadores, reprodutores de um sistema opressor e desigual, à medida que o aceitam passivamente. (OLIVEIRA; BASTOS, 2014, p. 51).

Os impasses que orientam a desigualdade de gênero na escola são sustentados e promovidos pela totalidade da indústria cultural, na adaptação do existente, com suas produções cinematográficas intimamente ligadas à política cultural, que refletem uma lei objetiva de desenvolvimento. Para Adorno (2003), a transformação residiria em tornar conhecidas as contradições da sociedade atual radicalizadas na abertura à multiplicidade de suas vozes. No cinema a figura do gênero feminino é desqualificada e objetificada em inúmeras produções, como um ser frágil e inferior ao masculino, apresenta como um mero objeto de distração e prazer do homem. Aqui se evidencia a conservação do patriarcalismo pela indústria cultural, que se dá pela manutenção do *status quo* e pelo repúdio de qualquer manifestação crítica ou contrária a sua imposição, permitindo a preservação da desigualdade de gênero e a eliminação de qualquer possibilidade de reflexão dialógica. De acordo com Adorno (2009, p. 16),

senso crítico e competência são banidos como presunções de quem se crê superior aos outros, enquanto cultura, democracia, reparte seus privilégios entre todos. Diante da trégua ideológica, o conformismo dos consumidores, assim como a imprudência da produção que estes mantêm em vida, adquire uma boa consciência. Ele se satisfaz com a reprodução do sempre igual.

A uniformização da dominação frente à realidade, por força da qual se perfaz a dominação cultural, principalmente por intermédio do cinema, significa um empobrecimento do pensar sobre os mecanismos disseminadores de estruturas institucionalizadas de injustiça social, que motiva o conformismo e a experiência da desigualdade de gênero. Para trilhar os caminhos rumo ao reconhecimento das identidades sociais de gênero é fundamental a construção de um diálogo intercultural mais profícuo que tenha legitimidade nos espaços escolares de trocas de conhecimento e de interação com as diferenças, mas que não acontece automaticamente, pois é sustentado pela própria resistência às fórmulas falsas do mundo real e em conflitos sociais e confrontos com os saberes aprendidos culturalmente.

3 A desigualdade de gênero veiculada pelo cinema

A desigualdade de gênero surge como uma forma de renúncia ao pensar que, na sua forma objetificada, coisificada e arrastada por ilusões, diferencia os saberes da experiência pelo princípio da dominação cega e da aparência vinculada ao aparato econômico da sacralização do consumo. Por isso, os aspectos da desigualdade de gênero precisam ser discutidos no campo formativo, de modo que operem mudanças diante das ofensas e humilhações das experiências vividas em nossa sociedade. As injustiças e discriminações se legitimam como algo previamente existente e válido, reificando inclusive o sentido das contradições e o entendimento entre as diferenças. Portanto,

é comum confundir sexo e gênero, e, por isso, é importante apresentar os dois conceitos. As diferenças de sexo são as distinções biológicas dos corpos de mulheres e homens, as diferenças físicas. O conceito de gênero está ligado à construção social de ser mulher ou homem, ao feminino e ao masculino. (BRASIL, 2013, p. 18).

O gênero não é biológico, mas é uma construção e desenvolvimento no movimento social ao longo da vida, levando em consideração os elementos psicológicos e socioculturais. Trata-se de entender os sujeitos (homens e mulheres) não como fatores resultantes do sexo e de distinções biológicas, mas como pessoas com potencialidade de alcançar o espaço das diferenças e o cuidado com a vida de si e do outro. Da mesma forma que o gênero é uma construção da pessoa em relação ao meio, a injustiça social (enquanto forma de desigualdade motivada por interesses) também se desenvolve em um processo de construção social e

complexidade, que condiciona a formação humana. É possível dizer que o gênero é uma construção social (ligada à capacidade de fazer experiências) e que talvez a diferença resida na relação desse sujeito com as condições concretas de vida. Segundo Sardenberg (2002, p. 59),

temos que nos submeter a determinados rituais, muitas vezes diários, para nos tornarmos mulheres (ou homens) segundo os ditames da sociedade em que vivemos e, assim, definirmos, aos nossos olhos e aos dos outros, a nossa identidade de gênero. E tudo isso, é lógico, acompanhando os padrões vigentes de estética, impostos aos respectivos gêneros, padrões esses que variam no tempo e no espaço, tanto geográfico quanto social.

O patriarcalismo que perdura historicamente não é condição natural, mas imposição e manutenção de uma forma de vida que determina o pensar social. O papel da mulher, em inúmeras ocasiões e contextos culturais, é inferior ao do homem, cujo propósito maior é fruto da negação da voz e da liberdade feminina em nome de interesses dominantes de poder motivados socialmente. A forma apassivadora do diálogo e do confronto é o papel da indústria cultural, que especialmente pelo cinema consegue legitimar um sistema que aprendemos no trato prático com o mundo objetivo, funcionalista e da preguiça da práxis.

As produções cinematográficas não só mantêm o *status quo*, mas disseminam sua ideologia, distinções, desigualdades e seu modo de pensar para as gerações futuras. No instante em que uma criança passa a ter contato com qualquer obra cinematográfica, já lhe é inculcado um modo normatizador de pensar a partir de verdades compartilhadas e não pela diversidade que leva à produção do conhecimento. Olhando as produções do cinema infantil, vemos princesas e príncipes ditando e controlando modos de ser, pensar e agir. Essa homogeneização cultural inicia no ditame da cor rosa ser feminina e azul masculina, até a consciência de que a menina deve brincar com panelas e bonecas enquanto os meninos com carrinhos e bolas. A “manipulação intencional da linguagem audiovisual é aceita plenamente pelo público em geral, e seu objetivo principal é o de criar uma verossimilhança com a realidade, passar-se pelo mundo real” (GUBERNIKOFF, 2009, p. 69). Aquele que destoa desse padrão comum é visto como um sujeito diferente, estranho, problemático e passa a ser rejeitado e excluído do meio social e das experiências intelectuais na lógica formal do ensino.

A desigualdade de gênero disseminada pelo cinema não permanece meramente nas obras infantis, mas se evidencia nas produções cinematográficas como um todo. A mulher é

tratada como um ser submisso, domesticado, que não deve ter opinião própria (ou não deve ser “parteira de ideias”, desde os dogmas religiosos, passando pela caça às bruxas) e deve subsumir-se à prestação de serviços, diretrizes e prazeres do homem. Assim, qualquer forma de manifestação contrária é vista como patológica ou associada à rebeldia feminina. O cinema é um grande formador de opiniões e reafirma que “nossa cultura difundiu a ideia de que o corpo da mulher é um espetáculo a ser olhado, e que essa deve conhecer o seu lugar (provavelmente à beira de um tanque ou fogão)”. (GUBERNIKOFF, 2009, p. 72).

A desigualdade de gênero validada e apresentada pelo cinema não só aniquila as potencialidades das mulheres na vida social, como também dá margem para a violência simbólica, ofensas pessoais e assédio moral e sexual. O estupro, a humilhação e a violência familiar passam a ser naturalizados no cotidiano e a indiferença ao sofrimento do outro (da outra mulher) legitima-se no argumento de superioridade do homem. Conforme Feitosa, Lima e Medeiros (2010, p. 4),

a violência constitui o instrumento mais antigo de expressão do poder do homem, e está presente na vida de milhões de mulheres de todas as classes sociais, raças/etnias e orientação sexual. É por meio desse instrumento que o mundo masculino impõe sua dominação no momento em que as mulheres ousam contrariar o papel a elas reservado. As diferentes práticas de violência contra as mulheres, como a física, a simbólica, sexual, patrimonial, foram naturalizadas no seio da sociedade e se fazem presentes tanto nos espaços de intimidade como no espaço público.

A cada obra cinematográfica produzida mais evidenciamos uma mídia que serve ao capitalismo (no uso que a sociedade faz dela pelo interesse técnico do mercado, do dinheiro e do poder) e dimensiona estereótipos do imaginário social, como se a questão de gênero fosse sinônimo de (in)capacidade ou limitação, quando, na verdade, sabe-se que é uma questão de ordem cultural e não natural. De acordo com Borges e Cavalcanti (2013, p. 2),

o machismo enraizado nas relações sociais leva as mulheres a aceitar os estereótipos de si mesmas que lhes são impostos, tendo em vista que os produtores dessas representações são, em sua grande maioria, homens, que tentam limitar e determinar a maneira de ser, agir e se comportar da mulher.

O sistema patriarcal é intensamente arraigado e mantido, de maneira que mesmo com tantas conquistas por parte das mulheres na atualidade, como o direito ao voto pelas

sufragistas, ocupação de cargos políticos e da relevância social, a mulher ainda é ensinada a obedecer às regulações simbólicas. Muitas manifestações femininas são repudiadas e qualquer argumento que clame por mais igualdade de direitos é ignorado ou volta-se contra elas no aumento de atribuições. Esta configuração aspira à ideologia cinematográfica que estabelece:

ao gênero feminino, cabem as funções ligadas à reprodução da força de trabalho – procriar, alimentar, lavar, socializar, cuidar, proteger – em nível privado. Mesmo no mercado de trabalho, às mulheres são destinados, prioritariamente, os espaços de reprodução e cuidado: domésticas, lavadeiras, faxineiras, crecheiras, professoras, enfermeiras, assistentes sociais. Ao gênero masculino, cabem os lugares de produção, direção e mando: operários, chefes, executivos, planejadores, banqueiros, engenheiros, políticos. (FALEIROS, 2007, p. 63).

Uma das formas de comercialização da mulher como produto para consumo masculino pelo cinema é a pornografia, que mesmo não sendo anunciado em *outdoors* da sociedade, é um dos elementos que se encontram presentes nas entranhas da sociedade. A produção pornográfica hoje, visualizada também pela internet, não só propaga o poderio e a dominação do homem perante a mulher, como traz desdobramentos que rompem com a dignidade humana, as conquistas democráticas e a dádiva de linguagens. A mulher é apresentada como objeto de uso e deleite do homem, dando legitimidade e naturalidade a agressões sexuais e à desigualdade de gênero. Esse sistema social fortemente sustentado pela indústria cultural faz uso do cinema para sua legitimação em uma espécie de segmentação programada da evolução cultural humana. É evidente que não podemos eliminar a arte cinematográfica enquanto complexidade que requer um pensamento dialógico nas fronteiras do pensamento. Por tudo isso, vemos a necessidade de desenvolver um olhar crítico sobre as linearidades para o rompimento do *status quo* acerca do que nos é passado enquanto ideologia. E a educação tem um papel fundamental nesse debate, mapeando outras formas de diálogo com as diferenças nas interlocuções, realizando uma revisão das questões de gênero no esforço interpretativo.

O papel ativo do sujeito no processo de conhecimento é o primeiro passo para repensar a realidade pungente das ideologias e desigualdades de gênero perpetuadas pela indústria cultural. Para que ocorra uma mudança efetiva e significativa na sociedade, e a heterogeneidade possa falar, é preciso que a educação viabilize o fim da propagação da desigualdade de gênero, reintroduzindo a problematização dessas obras cinematográficas. Nesse sentido, não se questiona a importância das produções cinematográficas no contexto

educacional, mas a ausência de um olhar crítico-reflexivo frente ao que está subjacente a cada obra, em especial às normatizações e padronizações de gênero. Conforme expressa D'Abreu (2013, p. 599),

a mídia, pelo seu poder de alcançar diferentes públicos, é um grande instrumento que reforça e perpetua essas desigualdades (com a exploração repetida do corpo da mulher como objeto), mas que ao contrário, pode ser um instrumento de promoção de mudanças. A educação crítica de seu público parece ser a melhor forma de neutralizar seus efeitos, desafiando antigos paradigmas sobre as relações entre homens e mulheres e guiando transformações.

A arte de educar possui a capacidade de tecer elementos heterogêneos inseparavelmente associados, como é a decodificação das ideologias, que se encontram presentes no cinema e em outros recursos midiáticos reproduzidos e padronizados culturalmente. A partir da complexidade das obras cinematográficas é possível acolher, evidenciar e indagar no ambiente escolar os arquétipos impostos que estão subjacentes, para guiar estudos e processos de conhecimento que brotam do reconhecimento das diferenças. Para Borges e Cavalcanti (2013, p. 3),

pensar o cinema como um recurso didático e/ou metodológico, ao mesmo tempo que é desafiador, constitui uma alternativa interessante e possível, pois a forma com que os filmes são construídos para dialogar com a subjetividade e a criticidade de quem assiste permite as mais diversas e profundas reflexões acerca da sociedade, da política, do preconceito, da vida. Considerando a importância dos meios de comunicação nas relações sociais, o uso dos recursos midiáticos na educação, seja no nível básico, médio ou superior, deve ser visto como uma excelente oportunidade de, além de possibilitar mecanismos diversos para a aprendizagem, inserir nos espaços de ensino e pesquisa a discussão sobre temáticas relevantes e fundamentais para a formação de cidadãos menos preconceituosos.

A cultura, seja ela libertadora ou opressora, é fruto de interações sociais, históricas, políticas que acabam por se constituir em mediações entre os sujeitos e os diferentes mundos. Ter uma cultura que vise a igualdade de gênero não representa a relativização ou banalização do que é natural (dos fatores biológicos de reconhecimento da pessoa), mas o reconhecimento de que as questões de gênero nada têm a ver com a natureza e sim com as ações humanas apropriadas e repetidas. No contexto educacional, para produzir conhecimentos, interpenetrar sentimentos, para se colocar no lugar do outro e provocar ideias contraditórias e paradoxais, a

lógica de homogeneização das consciências deve ser rompida, mas sem banir o uso do cinema nas escolas, ao contrário, trazendo-o no sentido de desenvolver um olhar crítico-reflexivo. Portanto, “a chance de um filme se tornar um produto emancipado reside no esforço de se romper com esse *nós*, isto é, com o caráter coletivo *a priori* (inconsciente e irracional) e colocá-lo a serviço da intenção iluminista: autorreflexão crítica sobre si mesmo”. (LOUREIRO, 2008, p. 145).

Fazer frente à homogeneização cultural e resistir aos modos uniformizados de ver o outro, viver e pensar o mundo, aprendidos pela tradição inscrita nos filmes, é algo desafiador para o professor. Mas, a partir disso, há uma valorização da intersubjetividade como *locus* articulador das experiências vividas, abrindo novas possibilidades à construção de uma sociedade emancipada e livre. Paradoxalmente, “educadores e educadoras têm a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero, caso tenham uma atuação pouco reflexiva sobre as classificações morais existentes entre atributos masculinos e femininos” (BRASIL, 2009, p. 51). Se não desenvolvermos um olhar autorreflexivo das obras cinematográficas, estaremos fadados à reprodução e adesão massiva, perpetuando um modo ditador e normatizado de cultura. Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 104),

ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos [...] paralisam essa capacidade em virtude de sua própria constituição objetiva.

A educação reside na dimensão da experiência formativa que torna os sujeitos pensantes e (auto)críticos de suas histórias, biografias, ideias, diferenças, ações e invenções culturais. Reconhecer que as questões de gênero são fruto de processos históricos e culturais é permitir que se reflita a respeito da legitimação do patriarcalismo e de atos de covardia e violência compartilhados em campos de extermínio das diferenças, para que a educação seja berço das possibilidades de igualdade e não da desigualdade. A emancipação, para Adorno (2003, p. 15), encontra-se nos processos educativos de formação humana na concretude da vida, pois,

a educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização. É preciso escapar das armadilhas de um enfoque “subjetivista” da subjetividade na sociedade capitalista burguesa. A “consciência” já não seria apreendida como constituída no plano das representações, sejam ideias oriundas da percepção ou da imaginação, ou da razão moral. [...]. Seria apreendida como sendo experiência objetiva na interação social e na relação com a natureza, ou seja, no âmbito do trabalho social.

Os artefatos cinematográficos nos incutem padrões que estabelecem a desigualdade de gênero como ordem natural, antes de qualquer tentativa de modificação da realidade concreta. Tornar o educando um sujeito pensante sobre as superproduções cinematográficas é abrir possibilidades à construção de uma real igualdade de gênero (não unilateral), por meio da linguagem e do discurso nos diferentes contextos e vozes culturais, visando processos contínuos de interpretação e de revisão comunicativa, pois a história do preconceito, da violência e da desigualdade está alicerçada no mundo vital.

4 Concluindo

Os estudos dos artefatos cinematográficos estão repletos de ideologias e imposições, que provocam discussões sobre as problemáticas de gênero, capazes de revigorar a transformação e a melhoria da educação, no sentido de repensar o mundo e as aprendizagens evolutivas e sociais, enfrentando a historicidade e a validade da desigualdade de gênero ainda presente. A proposta é de aprender com a contradição e a diversidade interpretativa da sala de aula, que não pode continuar negando as subjetividades e singularidades de gênero, consideradas dicotômicas ou socialmente inferiores por construções históricas. Mas é necessário realizar um processo emancipador à produção de identidades culturais, de reinvenção e transformação de nós mesmos com os outros, que começará na medida em que nos tornarmos críticos frente à indústria cultural (lógica do mercado, que consiste na neutralização e imobilização das subjetividades) e sua recursividade. Ou seja, reaprender no trato com o mundo e com o outro faz reacender a própria condição humana, para compreender o cinema como parte ativa da construção de discursos que vamos aprimorando e aproximando aos anseios de uma sociedade emancipada e de democratização do aprender, para atuar na construção do conhecimento e promover a liberdade cooperativa.

O estudo realizado mostra que há elementos favoráveis para o desenvolvimento desse processo educativo na escola, como forma de autorreflexão crítica para resistir ao pensamento

normatizador e excludente, desde que o professor atue no processo de problematização do existente, interação e abertura à multiplicidade de linguagens subjacentes aos filmes. Assim, o professor torna possível uma apreciação das várias concepções e compreensões adormecidas pela cultura repressiva e dominante, reconstruindo com o reconhecimento do outro a cultura do diálogo. Quando rompermos com as ideologias reguladoras do diálogo e legitimadoras de “ditaduras da verdade”, será possível usar o cinema como um dispositivo para reconstruir conhecimentos de potencial pedagógico nos processos formativos, apropriando-os de modo produtivo na reflexão coletiva e superando as relações coercitivas e desumanizadas pelo mercado global, que ainda sinaliza a construção histórico-social da desigualdade de gênero.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5. ed. Tradução de Juba Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BADIOU, A. **Imágenes y Palabras**: escritos sobre cine y teatro. Buenos Aires: Manacial, 2005.

BENTO, B. Disputas de gênero. **Correio Brasiliense**, Brasília, 30 jun. 2015, Opinião, p. 11.

BORGES, A. V. M. F.; CAVALCANTI, M. das M. C. Gênero, sexualidade, raça e etnia à luz dos estudos feministas: articulações entre cinema e educação. In: XIII Jornada de ensino, pesquisa e extensão – JEPEX. Recife: UFRPE, 2013. **Anais...** Recife: UFRPE, 2013. p. 1-3. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/2013/cd/resumos/R1528-1.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

BRASIL. MEC. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009, 266p. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Reflexões sobre diversidade e gênero**. Brasília: Edições Câmara. Série ações de cidadania, n. 19, 2013. Disponível em: <https://rets.org.br/sites/default/files/reflexoes_sobre_diversidade.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.

D’ABREU, L. C. F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3658>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

FALEIROS, E. Violência de gênero. In: TAQUETTE, S. R. (Org.). **Violência contra a mulher adolescente-jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 61-66. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_mulher_adolec_jovem.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.

FEITOSA, S. de M.; LIMA, M. G.; MEDEIROS, M. G. **Patriarcado e forró**: uma análise de gênero. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis, 2010. **Anais...** Florianópolis: SC, 2010. p. 1-9.

GUBERNIKOFF, G. A imagem: representação da mulher no cinema. **Revista conexão** - Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 65-77, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/113/104>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

LOUREIRO, R. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 135-154, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6691>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

MARCUSE, H. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

OLIVEIRA, A. M.; BASTOS, R. A. S. M. A violência simbólica de gênero propagada pela Indústria Cultural e os direitos humanos. **Interfaces científicas** – direito, Aracaju, v. 2, n. 2, p. 47-58, fev. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/direito/article/view/1033>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

ROSADO-NUNES, M. J. F. A “Ideologia de Gênero” na Discussão do PNE: a intervenção da hierarquia católica. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, jul./set. 2015.

SARDENBERG, C. A mulher frente à cultura da eterna juventude: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista “cinquentona”. In: FERREIRA, S. L.; NASCIMENTO, E. R. (Org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002, p. 51-68.

VASCONCELLOS, C. dos S. M. Metodologia Dialética em Sala de Aula. **Revista de Educação AEC**, Brasília, n. 3, p. 1-18, abr. 1992. Disponível em: <<http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/MDSA-AEC.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2016

Recebido em: 13/12/2016

Revisado em: 06/07/2017

Aprovado para publicação em: 03/06/2018

Publicado em: 30/08/2018